

ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL COM BASE NA DIVERSIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO: O DESENVOLVIMENTO DA CADEIA FRUTÍCOLA DA REGIÃO DA CAMPANHA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

*Regis Rathmann**
*Débora Nayar Hoff***
*Antônio Domingos Padula****

RESUMO

O processo de desenvolvimento econômico nacional, ao longo dos anos, gerou diversos tipos de desigualdades, motivo pelo qual os setores governamentais vêm elaborando estratégias que visem ao aproveitamento de vocações regionais agrícolas, mediante a inserção de cadeias produtivas diferenciadas. Assim, teve-se como principal objetivo descrever a cadeia frutícola nos municípios de Dom Pedrito e São Gabriel, apontando os pontos de gargalo que os produtores rurais identificam nela. A cadeia descrita apresentou elementos dos três macrosssegmentos, e alguns dos principais gargalos são: falta de agregação de valor à produção e desinformação de linhas de crédito disponíveis ao setor. O estudo feito indicou ainda que a estratégia adotada já se reflete sobre indicadores econômicos e sociais da região, como no IDHm e no PIBpc.

Palavras-chave: desenvolvimento econômico; cadeia produtiva; diversificação.

1 INTRODUÇÃO

A existência de desigualdades regionais no estado do Rio Grande do Sul tem sido alvo de discussões constantes, seja no meio político, seja no meio acadêmico, ganhando intensidade com o avanço dos anos. De uma forma geral, as explicações para os fatos geradores destas são buscadas no contexto histórico da formação econômica e social de

* Mestrando em Agronegócios pelo Cepan/UFRGS. Avenida João Pessoa, 31, Centro, Porto Alegre, RS, bolsista Capes. E-mail: rrathmann@ea.ufrgs.br.

** Doutoranda em Agronegócios pelo Cepan/UFRGS. Avenida João Pessoa, 31, Centro, Porto Alegre, RS, bolsista CNPq. E-mail: debora.hoff@ufrgs.br.

*** Doutor em Administração, professor pesquisador do Cepan/EA/UFRGS. Avenida João Pessoa, 31, Centro, Porto Alegre, RS - adpadula@ea.ufrgs.br.

Teor. e Evid. Econ.	Passo Fundo	v. 14	n. 27	p. 9-33	novembro 2006
---------------------	-------------	-------	-------	---------	---------------

cada região. Essas desigualdades, que remetem a uma situação de subdesenvolvimento, refletem, em parte, o fracasso do Estado em proporcionar níveis de vida sequer razoáveis para a maioria da população, resultando em miséria e privações de toda ordem.

No caso da Metade Sul do estado do Rio Grande do Sul, a existência dessas diferenças regionais e de uma situação de subdesenvolvimento está correlacionada, dentre outros fatores, com a crise da pecuária e da orizicultura, que são setores produtivos historicamente preponderantes na região. Essa situação desfavorável permanece quando analisados dados mais atuais, principalmente na pecuária. Este setor produtivo sofre com os processos de abertura e de estabilização econômica, os quais reduziram as margens operacionais e colocaram os produtores menos intensivos em tecnologia em concorrência com os mercados uruguaio e argentino, mais competitivos quando considerados esses aspectos. Pode-se dizer que qualidade da carne, maiores taxas de desfrute, abate com menor tempo e maior produtividade do rebanho da Argentina e Uruguai são vantagens competitivas hoje estabelecidas em relação ao rebanho do estado do Rio Grande do Sul.

Esse contexto no qual se insere a Metade Sul do estado do Rio Grande do Sul provoca as condições para que a região venha apresentando desempenhos setoriais inferiores à média estadual, principalmente ao se analisar PIB, renda *per capita* e demais indicadores sociais e econômicos.

Visando à diminuição das desigualdades econômicas, sociais e regionais, vários setores governamentais vêm elaborando estratégias de desenvolvimento via aproveitamento tanto da vocação regional agrícola quanto da produção em cadeias diferenciadas. Uma dessas experiências é a propiciada pelo Programa de Desenvolvimento da Fruticultura Irrigada na Metade Sul/RS, iniciado em 1997, cujo objetivo é a inserção da cadeia frutícola na Metade Sul do estado visando melhorar os indicadores de desenvolvimento econômico e social. A escolha da fruticultura está correlacionada com o fato de os municípios da região da Campanha apresentarem potencialidades para a atividade, principalmente em razão dos solos aptos para o cultivo de frutíferas de clima temperado (CDFIMS, 1997).

Uma das maiores atrações para os investimentos em fruticultura é a sua grande rentabilidade, a qual pode chegar a R\$ 9.100,00 de renda bruta por hectare/ano em culturas como a viticultura. Este valor chega a ser sete vezes maior que a rentabilidade dos produtos tradicionais. A rentabilidade da orizicultura, por exemplo, fica em torno de R\$ 1.300,00 de renda bruta por hectare/ano (CDFIMS, 1997). Alia-se favoravelmente a isso o fato de que o estado tem uma histórica vocação para o desenvolvimento da cadeia produtiva de uvas e outras frutas, como é verificado nas regiões de colonização italiana, mais ao norte do estado e na região de Pelotas.

Mesmo se observando que esta é uma experiência recente para a maior parte dos municípios da região e que existe a necessidade de um período médio de maturação dos pomares para o início da produção em maior escala, já existem pólos regionais

frutícolas na Metade Sul do Rio Grande do Sul, como ocorre nos municípios de Dom Pedrito e São Gabriel, os quais passam a produzir em volumes crescentes uvas, figos e citros a partir da inserção do programa na região.

Essa afirmativa aponta para uma expectativa positiva em relação aos efeitos do processo, ou seja, tendo sido desenvolvida uma estratégia de implantação do setor com o objetivo de melhorar a situação de desenvolvimento econômico da região, espera-se encontrar o desenvolvimento da cadeia produtiva relacionada à fruticultura. Porém, sendo um processo em desenvolvimento, é possível que a cadeia produtiva formada apresente pontos de gargalo, que precisam ser superados para permitir o franco desenvolvimento da mesma. Assim, o principal objetivo deste estudo é descrever a cadeia produtiva frutícola já existente nos municípios de Dom Pedrito e São Gabriel, identificando os pontos de gargalo que os produtores rurais identificam nela.

Este tipo de estudo é importante porque contribui para a orientação dos investimentos públicos e privados que estão sendo feitos no setor, de forma a otimizar os recursos em ações que possam trazer ganhos reais para a cadeia produtiva. A competitividade do produto final muitas vezes está correlacionado com a superação de falhas na cadeia produtiva, correlacionadas com a inexistência ou subdimensionamento de um ou de vários dos seus elos, conforme indica a literatura que aborda o tema.

Para tanto, o processo de pesquisa constituiu-se por um estudo bibliográfico sobre a implantação da fruticultura na região, levantamento de dados secundários, bem como entrevistas feitas com os agentes envolvidos na inserção comercial da fruticultura nos municípios de Dom Pedrito e São Gabriel, situados na região da Campanha, Metade Sul do estado do Rio Grande do Sul. Foram entrevistadas as secretarias de Agricultura dos respectivos municípios, assim como as associações de fruticultores de Bagé e Dom Pedrito, o Comitê de Desenvolvimento da Fruticultura Irrigada da Metade Sul/RS, o Conselho Regional de Desenvolvimento da Campanha do Rio Grande do Sul (Corede/Campanha) e três produtores rurais do município de Dom Pedrito envolvidos na produção frutícola.

Os resultados foram analisados à luz do referencial teórico apresentado, o qual traz os principais elementos utilizados para o estudo de cadeias produtivas e de desenvolvimento econômico.

2 DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E A ESTRUTURAÇÃO DE CADEIAS PRODUTIVAS

Desde a escola clássica da economia é dada importância à agricultura como fornecedora de excedentes para a acumulação de capital. Naquela cita-se que o setor agrícola, ao permitir um excedente de insumos e mão-de-obra, torna possível a acumulação em outros setores, no caso o industrial.

Nesse sentido, se tomada a primeira escola do pensamento econômico, a fisiocracia, percebe-se que estão entre os principais objetos de sua preocupação os motivos que levam à geração de riqueza das nações. Para os fisiocratas a produção, principalmente a agrícola, seria a fonte desta riqueza. Seu principal autor, François Quesnay, registra em sua obra, o *Tableau économique des physiocrates*, uma ênfase especial à classe produtiva, considerada a grande responsável pela geração de riquezas na economia. Para ele, “a classe produtiva é a que faz renascer, pelo cultivo do território, as riquezas anuais da nação, efetua os adiantamentos das despesas com os trabalhos da agricultura e paga anualmente as rendas dos proprietários de terras” (1996, p. 211).

Avançando-se para a Escola Clássica, no século XVIII, e referenciando Adam Smith (1996), observa-se novamente, já no título de sua obra, a preocupação com a explicação sobre os motivos que levam ao desenvolvimento das nações. No livro *Uma investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações*, Smith irá contestar alguns princípios fisiocráticos e trazer a questão do valor-trabalho como o elemento principal de explicação da riqueza das nações, imputando aos ganhos de produtividade oriundos da divisão e especialização do trabalho a responsabilidade pela acumulação de riquezas.

Nesse sentido podem ser ressaltadas as afirmativas de Stern (1994), as quais enfatizam que a agricultura pode ser fonte de crescimento e renda, desde que fomentada a obter ganhos de produtividade. Além disso, não se pode deixar de evidenciar que, especialmente em países como o Brasil, onde a produção industrial é bastante concentrada, a população depende da agricultura. Logo, o dinamismo do setor é vital tanto para a subsistência das famílias quanto para gerar alimentos mais baratos, que permitam a reprodução da força de trabalho da indústria.

Outro autor que cita os grandes papéis que a agricultura exerce é Schuh (1989). Para este, o desempenho no setor agrícola pode estar, em certa medida, relacionado à melhor distribuição de renda, à sustentabilidade do crescimento econômico, à geração de saldos positivos na balança comercial, à geração de empregos e à produção de alimentos.

De acordo com Paulillo (1997), existem cinco clássicas interpretações na literatura sobre o desenvolvimento capitalista na agricultura brasileira, havendo concordância por todas de que o crescimento econômico é dependente da agricultura, na medida em que esta tem funções fundamentais de encadeamento com o resto da economia. Esta afirmativa aponta para a extrapolação da idéia de agropecuária vinculada ao setor primário, findando sua atividade na porteira da fazenda, e remete à idéia de agropecuária vinculada a todo o sistema produtivo, passando da porteira pela indústria até chegar ao consumidor final, ou seja, o agronegócio. Esta tese é corroborada por Souza (1999) quando afirma que existe correlação positiva entre o crescimento agrícola e o crescimento dos demais setores, reforçando a importância do papel agrícola na dinâmica econômica.

Em observação a esses pressupostos teóricos, que sinalizam para a importância da agricultura, as mais recentes contribuições teóricas indicam que as regiões atrasadas devem apostar em estratégias locais de desenvolvimento que visem à introdução de estruturas produtivas diversificadas, ou seja, cadeias agrícolas diferenciadas (FERREIRA, 2001).

A estratégia ressaltada torna-se necessária quando as demais alternativas de expansão de mercados tornaram-se insuficientes em virtude da falta de dinamismo de potenciais mercados demandantes para determinados produtos e pode significar um leque de possibilidades que permita à agricultura dinamizar-se (AZEVEDO, 2000).

Pensando-se num cenário de globalização econômica, pelo qual passam os mercados atualmente, a ampliação do dinamismo dos negócios e a melhoria do desempenho de toda a estrutura produtiva são vitais para a sobrevivência da agricultura, tanto quanto em outros setores produtivos. A competitividade, definida como a capacidade sustentável de sobreviver e, de preferência, de crescer nos mercados correntes ou em novos mercados, impõe agregar à natureza agrícola a idéia de transmutar-se numa empresa (PORTER, 1989).

Para tanto, uma das principais competências que devem estar presentes no setor é a capacidade de coordenação de suas atividades, que pode ser definida como a capacidade de receber, processar, difundir e utilizar informações de modo a definir e viabilizar estratégias competitivas ao longo de todo o processo produtivo. Essas estratégias competitivas muitas vezes têm como instrumento a inovação em produto, em processo, diferenciação e diversificação (JANK, NASSAR, 2000). Além disso, esses instrumentos acabam sendo eficazes quando espalhados ao longo de todas as etapas envolvidas no processo produtivo, desde a matéria-prima até o produto final chegar à mesa do consumidor.

Tanto as idéias iniciais dos teóricos da economia como os elementos mais contemporâneos que tratam da competitividade trazem consigo a idéia de cadeia produtiva. Isso fica evidente no estabelecimento da quantificação das relações insumo-produto originadas das idéias fisiocráticas, nas idéias de especialização das atividades produtivas trazidas por Adam Smith, e acaba envolvendo também as idéias de coordenação das atividades produtivas ao longo do processo que envolve a matéria-prima até que se torne produto entregue ao consumidor final, trazidas pelas abordagens ligadas à competitividade e ao agronegócio.

A próxima seção traz os elementos de cadeia produtiva sobre os quais este trabalho se apóia para fazer a descrição da cadeia frutícola da região da Campanha e identificar os gargalos existentes na mesma.

2.1 Análise de cadeias produtivas agroindustriais (CPA)

Buscando, então, gerar um aporte teórico que possibilite tanto o desenho da cadeia produtiva quanto a sua avaliação, será utilizada a referência de Batalha (1997), na qual é feita uma equivalência entre as idéias de cadeias produtivas agroindustriais (CPA) e de *filière*. A escolha por essa referência específica deve-se à estruturação da cadeia a partir de três macrossegmentos, detalhados mais à frente, o que permite uma visão mais detalhada da cadeia produtiva em estudo.

Mesmo havendo uma opção pelas idéias de CPA apresentadas por Batalha (1997), alguns autores ajudam no estabelecimento mais preciso da idéia de cadeia produtiva. Na visão de Dantas, Kertsntzki e Prochnik (2002), cadeia produtiva é um conjunto de etapas consecutivas pelas quais os insumos passam e vão sendo transformados e transferidos. Já, para Castro, Cobbe e Goedert (1995, p. 12), “cadeias produtivas são conjuntos de componentes interativos, tais como sistemas produtivos agropecuários e agroflorestais, fornecedores de serviços e insumos, indústrias de processamento e transformação, distribuição e comercialização, além de consumidores finais do produto e subprodutos da cadeia”.

Na visão de Pedrozo, Estivaleta e Begnis (2004), o conceito de cadeia remete à “idéia de seqüência, de elos que estabelecem entre si uma interdependência”. Para Batalha (2001, p. 34), para se definir uma cadeia de produção parte-se da identificação de determinado produto final, a partir do que se faz o encadeamento, de jusante a montante (ou do produto final em direção à matéria-prima), das várias operações técnicas, comerciais e logísticas necessárias à sua produção. Assim como Pedrozo, Estivaleta e Begnis (2004), Batalha (2001) traz a noção de encadeamento, de seqüência e de interdependência entre os diversos elos da cadeia produtiva. É exatamente neste ponto que a idéia de cadeia produtiva se aproxima da noção de *filière*.

O corpo analítico que envolve a idéia de *filière* foi originalmente desenvolvido pela Escola Francesa de Economia Industrial e, embora o conceito de *filière* não tenha sido criado para o estudo do problema agroindustrial, foi entre os economistas agrícolas que encontrou maior aceitação. Segundo Morvan (1991), é difícil dar uma noção exata de *filière* de produção. No seu entendimento, a *filière* pode ser utilizada simplesmente para descrever um conjunto de operações encadeadas logicamente desde o tratamento da matéria-prima, passando pelo processamento do produto até a obtenção do produto final.

Para Labone (1985, p. 1), o conceito semântico de *filière* é trazido da análise econômica e dá a noção “de uma seqüência de operações físicas tecnicamente complementares, as quais permitem a criação, a circulação e o consumo de um bem ou de um serviço”. A partir desse conceito, cria-se uma definição provisória de *filière* como um conjunto constituído pelos agentes ou grupos de agentes que dizem respeito a um produto (ou um grupo de produtos) agroalimentar, desde sua produção até seu consumo, envolvendo as relações que eles mantêm entre si nesse processo. Essa definição remete

à idéia de um sistema.

Já Montigaud (1991) conceitua *filière* como “um conjunto de atividades estreitamente imbricadas (produção, expedição, transporte) e ligadas verticalmente por pertencerem a um mesmo produto ou a seus produtos vizinhos”.

De acordo com Batalha (2001), considerando o aspecto de dinâmica de fluxo presente na idéia de cadeia produtiva e de *filière*, destaca-se que uma operação a montante pode alimentar várias outras situadas a jusante, podendo-se, neste caso, falar de ligações divergentes. Por outro lado, existem também ligações convergentes, nas quais várias operações a montante darão origem a um número menor de operações a jusante. Como as cadeias produtivas têm inter-relações, podem ocorrer operações ou estados intermediários de produção comuns a várias delas, situação que pode ser identificada como “operação-nó”.

As operações-nó representam pontos privilegiados de ganhos sinérgicos dentro de um sistema produtivo (BATALHA, 2001). No entanto, esses mesmos pontos, quando não apresentam a dinâmica necessária para suportar o fluxo dos processos interligados, podem gerar um entrave ao desenvolvimento do sistema, representando um “gargalo” produtivo.

Os estudos de Morvan (1991) indicam quatro grandes utilizações para a noção de *filière* de produção: a) *como uma ferramenta de descrição técnico-econômica*: a dimensão técnica desta está correlacionada à descrição dos desenvolvimentos necessários à elaboração de um produto final e à dimensão tecnológico-econômica correlacionada ao conhecimento das estruturas de produção; b) *como uma modalidade de recorte do sistema produtivo*: a noção de *filière* permite fazer recortes distintos do sistema de análise, dependendo dos objetivos desta, podendo-se usar como referência para este entendimento os quesitos apresentados por Rainelli (1985) e que lembram que este recorte pode ser feito a partir de matéria-prima, de um estado intermediário, de uma grande função ou de um produto geral; c) *como um método de análise da estratégia das firmas*: este pode se dar em termos de estrutura, em que a finalidade reside na busca de uma compreensão das limitações técnico-econômicas, assim como pode se dar em termos de comportamento, onde se privilegia a função dos atores, permitindo-se a análise da estratégia; d) *como um instrumento de política industrial*: em nível de uma nação, a *filière* de produção serve, geralmente, como uma referência original para a definição de políticas industriais. Isso se dá porque a estratégia de *filière* conduz a raciocinar em termos de estruturas globais. Assim, ela própria repousa sobre uma concepção precisa que pretende oferecer vantagens e que podem constituir-se em guias para a intervenção dos poderes públicos.

Desse ponto é possível retomar a idéia de CPA utilizada por Batalha (1997) e verificar que os elementos que aponta como estando ligados à CPA são os mesmos indicados pelos autores franceses como componentes da *filière*.

Batalha (1997) efetua ainda uma adaptação da idéia de cadeia produtiva à

problemática do sistema agroindustrial, de forma a permitir, por meio de cortes verticais, sua segmentação em estruturas menores, de finalidades próximas, que permitam o entendimento da ação estratégica da empresa. Assim, a CPA apresenta variações, segundo o tipo de produto e o objetivo de análise, podendo ser segmentada, de jusante a montante, em três macrosssegmentos: a) *Comercialização*: representa o elo mais a jusante da cadeia, onde as empresas estão em contato com o cliente final da cadeia de produção, viabilizando o consumo e o comércio dos produtos finais; b) *Industrialização*: elo intermediário que representa as organizações responsáveis pela transformação das matérias-primas em produtos finais destinados ao consumidor; c) *Produção de matérias-primas*: elo localizado a montante que representa as organizações fornecedoras das matérias-primas iniciais para que as outras organizações continuem o processo de produção do produto final.

Apesar de não considerar os fornecedores de insumos, essa macrosssegmentação permite uma visão sistêmica da cadeia produtiva em questão, o que possibilita que seja verificada a existência ou não de eventuais “gargalos” no percurso dos produtos por meio dos estágios que os transformam e agregam valor, até que cheguem ao consumidor final.

Cabe ainda enfatizar que essa visão teórica tem como ponto de partida o produto final disponível ao consumidor, para, então, de jusante a montante, verificar as etapas que deram origem a esse produto, motivo pelo qual a macrosssegmentação parte da etapa de comercialização (BATALHA, 1997).

Por fim, ressalta-se que existe uma relação entre a estratégia da firma individual e a estratégia do sistema, tornando-as necessariamente interdependentes, em razão do que devem ser desenvolvidos mecanismos de coordenação pelos agentes integrantes. Assim, o sucesso de uma firma é o resultado das estratégias definidas para ela, individualmente, e das estratégias do sistema no qual se insere e que podem induzir as firmas individuais a uma performance superior, possibilitada por sua inserção num sistema maior que tenha bom desempenho. Essas estratégias devem contemplar a inserção tecnológica, variável determinante na mudança qualitativa (MORVAN, 1985).

3 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

Trata-se de um estudo exploratório feito acerca da inserção da cadeia produtiva da fruticultura na região da Campanha do estado do Rio Grande do Sul. Adotou-se a pesquisa exploratória por proporcionar uma visão geral, do tipo aproximativo, acerca de um determinado fato. Este tipo de pesquisa é apropriado quando o tema escolhido é pouco explorado, tornando difícil a formulação de hipóteses precisas e operacionalizáveis (GIL, 1995).

Numa primeira etapa foram coletados dados secundários junto às mais diversas

instituições que mantêm banco de dados sobre a temática, bem como uma pesquisa documental visando à familiarização com o assunto em questão. Esta etapa preliminar permitiu determinar os locais onde seriam efetuadas as entrevistas estruturadas, que foram: Comitê de Fruticultura Irrigada da Metade Sul do Rio Grande do Sul, Corede da região da Campanha, ambos localizados em Bagé, Associação de Fruticultores de Dom Pedrito e de Bagé, Secretaria da Agricultura de Bagé e os três maiores produtores de uvas e figos do município de Dom Pedrito. Estes últimos foram entrevistados de forma a verificar as expectativas, realizações, destinos e elementos motivacionais que levaram a que se inserissem nessa experiência de produção diversificada. Essa modalidade foi escolhida por apresentar baixo custo e, também, pela vantagem de possibilitar o anonimato, fatores necessários ao manutenção da isenção nas respostas (GIL, 1995).

O número reduzido de entrevistas com produtores rurais justifica-se pela representatividade da amostra em termos de *share* produtivo da produção de uvas e figos. Existem 45 produtores de frutas cadastrados no município de Dom Pedrito, dos quais somente 12 produzem uvas e figos. Desses, os três selecionados respondem por, respectivamente, 53% e 35% da produção avaliada no seu município, conforme dados obtidos na pesquisa junto à Associação de Fruticultores daquele município.

Com base nesses elementos, foi feita a análise descritiva (qualitativa) dos resultados mediante a transcrição dos depoimentos. A seguir foram classificadas as respostas do Comitê da Fruticultura Irrigada da Região da Campanha e da Secretaria de Agricultura de Bagé, de forma a contar a frequência de uma determinada resposta e a identificar as assertivas preponderantes. Isso permitiu verificar as expectativas dos agentes envolvidos na cadeia, como ela está organizada, qual a destinação da produção, qual o papel institucional na organização da cadeia e que elementos motivaram os agricultores a produzir. Assim, possibilitou-se a delimitação da cadeia produtiva frutícola da região da Campanha do Rio Grande do Sul.

4 ANTECEDENTES, CONTEXTO E CARACTERIZAÇÃO DA FRUTICULTURA

A implementação de projetos de desenvolvimento no Rio Grande do Sul, em especial na Metade Sul, conduziu a que fossem criados o Programa de Fruticultura Irrigada da Metade Sul do RS e o Programa Estadual de Fruticultura (Profruta/RS), respectivamente, em 1997 e 2001. Estes têm como *portfolio* o incentivo para a adesão de agricultores a cadeias produtivas com rendimentos acima do padrão das tradicionais

culturas da região. No caso da fruticultura, esse rendimento pode alcançar R\$ 9.100,00 por hectare/ano, sendo superior a outras culturas estabelecidas na região, conforme pode ser observado na Tabela 1.

Tabela 1: Rendimento nas diversas culturas no Brasil (hectare / ano).

Alternativas	Renda Bruta R\$ / ha	Produção / ha
Ovinos	120,00	80 + 20 kg
Pecuária de corte	100,00	120 kg
Pecuária de leite	424,00	2.000 l
Trigo	270,00	35 sc
Milho	350,00	50 sc
Sorgo	350,00	70 sc
Arroz	1300,00	110 sc
Sementes de hortaliças	1600,00	-
Fruticultura	9100,00	20.000 kg

Fonte: Comitê Pró-Desenvolvimento da Fruticultura Irrigada da Metade Sul/RS (2005).

Além disso, ao se analisar pelo ângulo da necessidade de capital para investimento, percebe-se que a hortifruticultura irrigada, alvo dos projetos de governo citados anteriormente, também se constitui numa alternativa às demais culturas. Esta demanda, em média, um investimento em torno de US\$ 6.000 por emprego gerado, muito inferior às demais culturas agrícolas existentes no estado (Tabela 2).

Tabela 2: Custo por emprego nos diferentes setores econômicos do Brasil.

Setor	Investimento por emprego (US\$)	Setor	Investimento por emprego (US\$)
Químico (1)	220.000	Telecomunicações (2)	78.000
Metalúrgico (1)	145.000	Turismo (2)	66.000
Bens de Capital (1)	98.000	Agricultura (2)	37.000
Automobilístico (1)	91.000	Pecuária (2)	100.000
Bens de Consumo	44.000	Agricultura irrigada (2) (3)	26.500
Indústria Geral (2)	83.000	Hortifruticultura irrigada (4)	6.000

Fonte: Comitê Pró-Desenvolvimento da Fruticultura Irrigada da Metade Sul/RS (2005).

Ambos os programas incentivam a produção das frutas na região embasados em particularidades, entre as quais cabe citar: a) o crescimento da demanda mundial de frutas na ordem de 5% ao ano, com tendência crescente; b) mais de 70% das frutas consumidas no mundo são de clima temperado, tendo o Brasil pequena participação neste mercado; c) existência de capacidade ociosa em câmaras frias de frigoríficos que podem servir para o armazenamento da produção; d) o Rio Grande do Sul tem potencialidades para tornar-se um grande produtor e exportador de frutas de clima

temperado, dadas suas condições edafoclimáticas e disponibilidade de terras para o cultivo (CDFIMS, 1997).

Ressalta-se, conforme se pode observar na proposição das instituições, que a diversificação produtiva deve coexistir com a cultura original da área, ou seja, não deve se substituir completamente uma produção pela outra, mas, sim, transformar a fruticultura num complemento de renda. Isso se deve ao fato de que as culturas tradicionais (pecuária e orizicultura) têm períodos de safra distintos da fruticultura, em especial a vitivinicultura, motivo que atrai os produtores, motivados pela possibilidade de uma distribuição dos rendimentos ao longo do ano.

No ano de 2003, visando dar maior abrangência à inserção da fruticultura no estado, foi criado o Programa Estadual de Fruticultura, que tem como objetivo geral coordenar as ações das instituições públicas e privadas, objetivando o desenvolvimento de uma fruticultura moderna, sustentável e competitiva. Esta instituição aponta que um dos principais gargalos existentes no setor é a alta perecibilidade que as frutas apresentam. Nesse sentido, assinala que os projetos mais modernos de fruticultura devem englobar a necessidade de implantação na área rural das chamadas *packing-houses*, que nada mais são do que câmaras frias para conservação dos frutos. Isso permite que a produção tenha um maior prazo para percorrer a cadeia produtiva até a venda ao consumidor final e que, também, se possam desenvolver canais adicionais de comercialização, como a exportação (PROFRUTA, 2003).

4.1 O contexto internacional da fruticultura

Aponta-se que a demanda mundial por frutas tem crescido em torno de 5,5% ao ano, que é uma tendência contínua, ou seja, há potencial crescente neste mercado num contexto onde a oferta ainda é insuficiente para atender à demanda mundial.

Ainda, ao se olhar para o consumo *per capita* mundial de frutas ao ano, observa-se que os países desenvolvidos, especialmente aqueles localizados na Europa, apresentam valores que variam de 120,1 kg/ano na Espanha a 68,5 kg/ano no Reino Unido. No caso do consumo espanhol, este é quase três vezes superior ao consumo brasileiro (FAO, 2000).

No que tange aos valores comercializados, o mercado de frutas movimenta quase US\$ 20 bilhões ao ano, sendo que 90% desse valor se refere ao mercado de frutas oriundas de clima temperado, como o encontrado na região da Campanha gaúcha. Em se agregando o valor referente à participação das frutas processadas, esse valor sobe para US\$ 55 bilhões (FAO, 2000).

4.2 A fruticultura no Brasil

O Brasil tem uma produção frutícola que superou, em 2004, a marca de 38 milhões de toneladas. A base agrícola da cadeia produtiva das frutas abrange 2,3 milhões de hectares e gera 6 milhões de empregos diretos, ou seja, 27% do total da mão-de-obra agrícola ocupada no país. O valor bruto da produção de frutas atingiu em 2003 cerca de 12,3 bilhões de reais, 13% do valor da produção agrícola brasileira (IBRAF, 2005).

Entretanto, a produção citada anteriormente encontra-se ainda bastante concentrada em duas frutas, as quais representam, aproximadamente, 70% do total produzido: laranja (com aproximadamente 50%) e banana (aproximadamente 20%) (FERNANDEZ, 1998).

Destacam-se como principais produtores brasileiros os estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Bahia, Minas Gerais, Santa Catarina e Pernambuco, com aproximadamente 75% do total produzido no país. Observa-se que tanto Pernambuco quanto a Bahia ganharam muitas posições na última década. Tal fato, conforme Ferreira (2001), decorre de uma vigorosa política de investimentos em fruticultura irrigada na região do Vale do Rio São Francisco.

4.3 A fruticultura no Rio Grande do Sul

A produção de frutas vem assumindo uma importância cada vez maior na matriz produtiva do estado. No ano de 2003 pelo menos 438 municípios informaram possuírem pomares comerciais das mais variadas frutas (EMATER/RS, 2005).

As condições climáticas e de solos permitem uma grande amplitude na diversidade de espécies, de forma que é possível cultivar tanto as frutas de clima temperado como as tropicais. Segundo o Instituto de Pesquisas Agronômicas (IPAGRO, 1998), a localização geográfica situada entre as latitudes 27° a 34° Sul leva a que este seja o estado brasileiro que reúne as melhores condições ecológicas para o cultivo especialmente de frutíferas de clima temperado.

Dessa feita, projetos como o Profruta/RS vêm trabalhando junto aos agricultores para demonstrar a necessidade de uma diversificação produtiva, o que já apresenta resultados positivos. Somente em 2003 foram ocupados 6.101 ha adicionais com frutas, o que representou um crescimento de aproximadamente 7% em relação ao ano anterior. Em termos de área cultivada, merece destaque a cultura da uva, seja de mesa ou industrial, a qual ocupa 29,4% do total ocupado com a produção frutícola.

4.4 A produção frutícola da região da Campanha do estado do Rio Grande do Sul

A região da Campanha gaúcha é composta por 107 municípios, os quais têm como matrizes produtivas características, conforme mencionado anteriormente, a pecuária

de corte e a orizicultura. Entretanto, em virtude da implementação de projetos de diversificação produtiva, vêm tomando corpo outras estratégias de desenvolvimento, como é o caso da fruticultura, a qual apresenta crescimento constante na última década.

Esse crescimento está relacionado ao aproveitamento de condições privilegiadas para a produção frutícola de alta qualidade, tais como: a) número de horas de frio no inverno suficientes para a maioria das frutíferas de clima temperado; b) ampla disponibilidade de solos bem drenados, mecanizáveis e livres de pragas e doenças; c) alta luminosidade e baixa precipitação pluviométrica na primavera/verão, variação no gradiente de temperatura entre o dia e a noite, o que favorece a qualidade dos frutos, aumentando seus teores de açúcar; d) mais de um milhão de hectares de solos aptos e valor da terra acessível (PROFRUTA, 2003).

Conforme dados do levantamento frutícola comercial do Rio Grande do Sul em 2003, houve desde 2001 um acréscimo de 1.002 ha (36%) com plantação de frutas na região. No ano de 2003, a melancia, a uva e os citros foram responsáveis por 1.617 ha, 1.125 ha e 296 ha, respectivamente. Já os figos, apesar de representarem uma cultura menor em termos quantitativos, também obtiveram crescimento, da ordem de 63 ha em 2003 (EMATER, 2005).

Entretanto, o maior destaque pode ser dado à produção de uvas para fins industriais (viticultura). As condições favoráveis de clima fazem com que as uvas possuam uma qualidade superior às provenientes da Serra gaúcha, pois tanto a maior exposição à insolação diária quanto a variação de temperatura entre o dia e a noite são importantes para a fixação dos fenóis, que melhoram os índices de açúcar presente e diminuem a acidez da uva. Assim, pode-se comparar este clima com o presente na região do Mediterrâneo na Europa, que é considerado mundialmente como o mais propício para o cultivo de videiras.

A maior parte dos resultados da produção das videiras na região ainda não pode ser contabilizada, pois ainda não começaram a produzir – aproximadamente 1.700 ha plantados com parreirais ainda não começaram a dar frutos.

Ademais, ressalta-se a retomada da plantação de figos na região, cultura que estava ausente da região em 1997 e passou a uma produção de 126 t em 2004. Cabe ressaltar que, diferentemente da viticultura, o figo é uma frutífera de mais fácil implantação e com menor prazo de entrada em produção. Em termos de rendimento, a cultura assemelha-se à viticultura, chegando a serem colhidas, em média, 10 t por hectare/ano para ambas as variedades. Já, no que tange à rentabilidade, a cultura do figo apresenta vantagens em relação à viticultura: a primeira chega a render, em média, US\$ 6.000 hectare/ano, ao passo que a segunda não passa de US\$ 2.000 hectare/ano (EMATER, 2005).

5 A CADEIA FRUTÍCOLA DA REGIÃO DA CAMPANHA DO RIO GRANDE DO SUL

As entrevistas realizadas possibilitaram, inicialmente, colher dados atualizados acerca da produção frutícola da região da Campanha. Foi possível ter conhecimento de que a primeira iniciativa de produção frutícola na região é datada da década de 1970, no município de Pinheiro Machado. Atualmente esta propriedade continua produzindo frutas, em especial uvas, numa extensão de 12 ha.

Todos os entrevistados foram unânimes em afirmar que a fruticultura constitui-se numa fonte extra de renda, enquanto uma alternativa produtiva às tradicionais culturas da região (pecuária e orizicultura). Ademais, houve uma totalidade de respostas afirmando que a diversificação não significará a eliminação das tradicionais culturas. Isso, de fato, pode-se verificar quando da realização das entrevistas com os três fruticultores de Dom Pedrito, na medida em que se observou no local que as videiras ocupam uma área anteriormente alocada com a pecuária, a qual ainda é a cultura mais praticada e principal fonte de renda das famílias.

Como pode ser observado junto à Tabela 3, quando da fundação do comitê e lançamento do programa em 1997 visavam-se dois mercados: Ceasa/RS e redes de supermercados com lojas no estado. Entretanto, logo após a fundação a atividade foi procurando novos mercados consumidores, dado o aumento da oferta de frutas, ou seja, buscando canais alternativos para a realização da produção.

Tabela 3: Mercado frutícola da região da Campanha - RS.

Mercado antevisto	Mercado atual	Mercado vislumbrado
Ceasa/RS	Vinícolas	Ceasa/RS
	Supermercados locais	Rede Carrefour
	Venda direta ao consumidor	Rede Sonae
Redes de supermercados	Agroindústria de conservas	Exportação: Inglaterra/Alemanha

Fonte: Entrevista com Comitê Pró-Fruticultura Irrigada da Metade Sul/RS.

As entrevistas realizadas, em consonância com o referencial teórico utilizado, permitiram traçar a atual cadeia frutícola da região da Campanha do estado do Rio Grande do Sul. Para fins de análise e de acordo com o referencial teórico utilizado, a respectiva cadeia produtiva será dividida em três macrossegmentos, para que se possa visualizar a existência ou não de “gargalos”: comercialização, industrialização e produção de matérias-primas.

Primeiramente, cabe ressaltar que as entrevistas permitiram identificar a existência de uma cadeia produtiva, o que não significa, necessariamente, que esta se encontre plenamente organizada. Em segundo lugar, cabe citar que foi traçada a

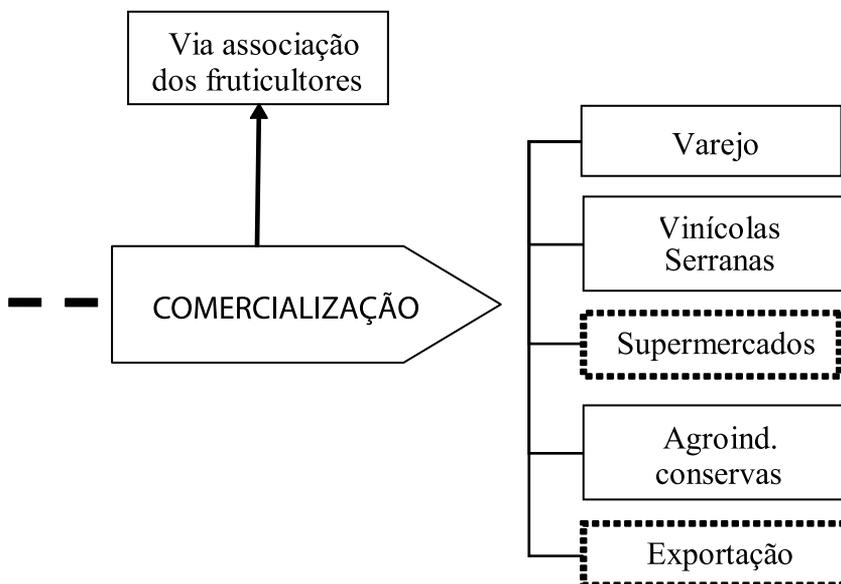
cadeia com base na realidade atual e na perspectiva futura, ambas identificadas na representação gráfica.

Partindo do produto final (Figura 1), tem-se a descrição da cadeia das frutas avaliadas (uva e figo), partindo da sua comercialização junto ao consumidor final. Estão presentes na comercialização, como adquirentes da produção, os supermercados locais (Peruzzo, Rede Super), as agroindústrias de conservas da região de Pelotas (compradoras da produção de figos) e as vinícolas da região da Serra gaúcha.

Destaca-se que as entrevistas permitiram observar que os produtores consideram que, na comercialização junto ao consumidor final, as frutas têm apresentado um preço abaixo do patamar esperado.

Numa visão de futuro, tem-se a perspectiva de abertura de frentes comerciais com países da Europa (Inglaterra e Alemanha) e em grandes redes supermercadistas do Brasil (Sonae, Carrefour e Pão-de-Açúcar), porém tanto os fruticultores entrevistados quanto as associações reconhecem desconhecer os hábitos dos consumidores e especificidades exigidas para a comercialização com esses consumidores finais.

Configura-se neste macrosegmento a existência de um “gargalo”, correlacionado à limitação dos canais de comercialização. Desde 1997 o Comitê Pró-Fruticultura Irrigada da Metade Sul/RS aponta para a necessidade da existência de canais de comercialização de grande escala, porém até a presente data não foi efetuada qualquer iniciativa concreta para que se atinjam esses mercados. A única iniciativa feita foi o envio de amostras de frutas a esses consumidores, porém isso ainda no ano de 2001, sem ter havido qualquer novo contato até então.



Legenda:

Configuração atual	—————
Configuração futura	••••••••
Ligação entre macrossegmento	——— ———

Fonte: Pesquisa de campo efetuada com Comitê Profruta, Comitê Pró-Desenvolvimento da Fruticultura da Metade Sul/RS, Associação dos Fruticultores de Dom Pedrito e Bagé e com três fruticultores da região da Campanha.

Figura 1: Macrossegmento da comercialização frutícola na região da Campanha/RS.

No macrossegmento da industrialização (Figura 2), que compreende os setores de conservação e industrialização das frutas, entre outros, é que se encontram os maiores “gargalos produtivos”. A organização ideal, segundo os entrevistados, deveria conter uma maior presença tanto das chamadas *packing-houses* quanto do setor das agroindústrias de conservas.

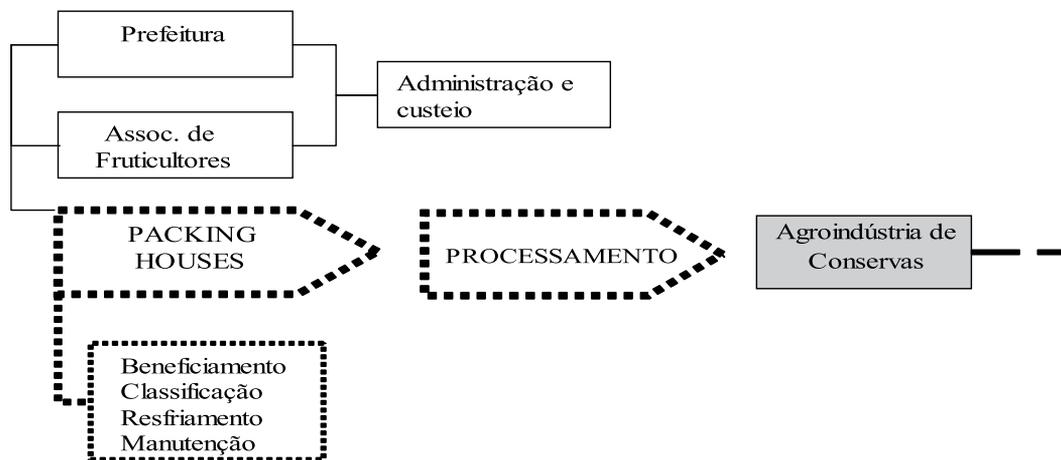
As *packing-houses*, ou casas de beneficiamento, são as responsáveis pela classificação, padronização, identificação, resfriamento, armazenagem, empacotamento e manutenção das frutas, ou seja, são aquele local para onde deveria seguir o produto após a colheita, onde deveria permanecer até a venda ao consumidor final ou para as etapas de beneficiamento. Em última análise, este seria um dos primeiros elos responsáveis pela agregação de valor à produção.

Entretanto, de acordo com as entrevistas realizadas, existem atualmente somente seis *packing-houses* funcionando no estado, e em caráter precário, encontrando-se em Bagé a única da região da Campanha. Por isso, a maioria dos produtores rurais, com a concordância das associações de fruticultores, vem comercializando seus produtos *in natura*, direto ao consumidor final, sem fazer qualquer classificação, acondicionamento, conservação, ou seja, deixando de agregar valor ao produto.

Outro setor não presente constatado na pesquisa foi a agroindústria de conservas, a qual poderia transformar o produto *in natura*, agregando-lhe valor. Os entrevistados mostraram conhecer a realidade de que são demandadas as frutas em conservas, principalmente para o mercado do hemisfério Norte, em face dos rigorosos invernos lá existentes. Assim, novamente o gargalo identificado correlaciona-se a um elo capaz de adicionar valor ao produto final comercializado. Por essa razão, as instituições ligadas à cadeia produtiva, como prefeituras e associação de fruticultores, vêm elaborando projetos para a ampliação e manutenção das casas de beneficiamento. As instituições entrevistadas reconhecem esse “gargalo” e apontam que custearão, sob a forma de financiamento, essas melhorias.

Por fim, analisa-se o macrossegmento da produção de matérias-primas (Figura 3), setor em que estão representados os insumos necessários para a produção e a

propriedade rural. Os entrevistados apontaram ser este o setor que apresenta a melhor organização dentro da cadeia produtiva, ressaltando o papel de auxílio das instituições agrícolas, como a Embrapa Clima Temperado, Emater e as universidades, como um elemento positivo na articulação desta etapa da cadeia produtiva.



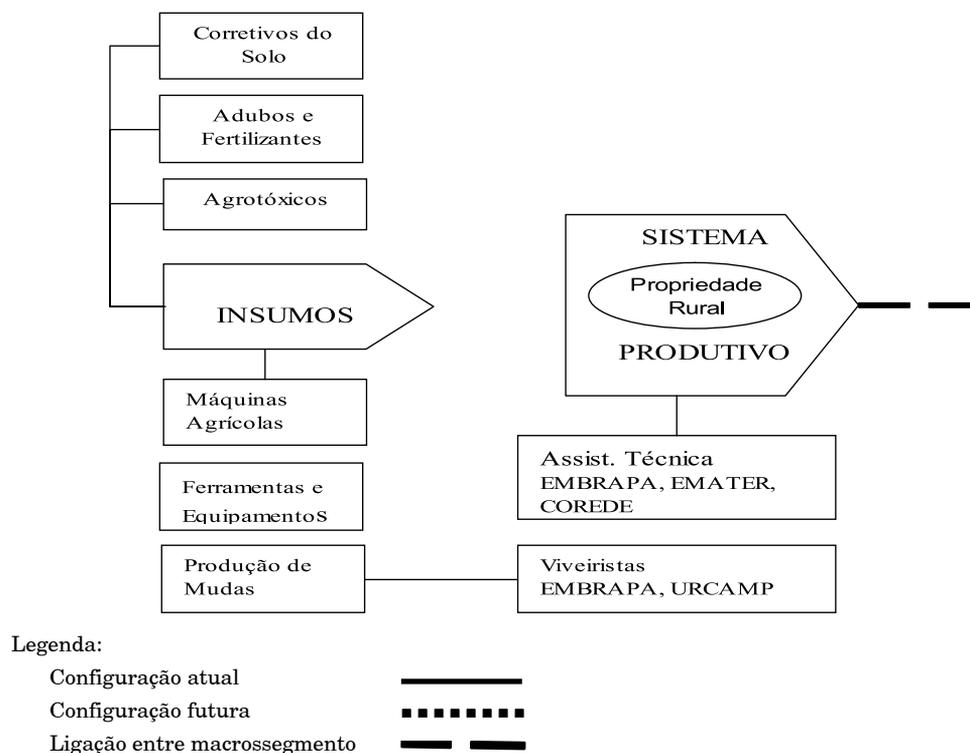
Legenda:

Configuração atual	—————
Configuração futura	- - - - -
Ligação entre macrossegmento	— — —

Fonte: Pesquisa de campo efetuada com Comitê Profruta, Comitê Pró-Desenvolvimento da Fruticultura da Metade Sul/RS, Associação dos Fruticultores de Dom Pedrito e Bagé e com três fruticultores da Região da Campanha.

Figura 2: Macrossegmento da industrialização frutícola na região da Campanha/RS.

Ressaltou-se a introdução recente de viveiros no Instituto Biotecnológico de Reprodução Vegetal (Intec) da Universidade da Região da Campanha (Urcamp) de Bagé, os quais já vêm produzindo cerca de 250.000 mudas de variedades de viníferas (*cabernet sauvignon*, *merlot*, *tanatt*, *shiraz*, *malbec*) ao ano, com previsão de ampliação para 500.000 mudas em 2006. A Associação de Fruticultores ressaltou a importância dessa iniciativa do ponto de vista da balança comercial brasileira. Atualmente, segundo eles, o Brasil importa cerca de 1,5 milhão de mudas viníferas, a um custo de dois dólares à unidade. Para a região da Campanha esse viveiro representa tanto o suprimento da demanda interna (estimada em 100.000 mudas ao ano) quanto a possibilidade de obtenção de divisas mediante o suprimento de parte do mercado brasileiro.



Fonte: Pesquisa de campo efetuada com Comitê Profruta, Comitê Pró-Desenvolvimento da Fruticultura da Metade Sul/RS, Associação dos Fruticultores de Dom Pedrito e Bagé e com três fruticultores da Região da Campanha.

Figura 3: Macrosegmento da produção frutícola na região da Campanha/RS.

Portanto, ao se analisar a cadeia produtiva atual em consonância com a necessidade futura, pode-se perceber a existência de “gargalos” tanto no macrosegmento da comercialização quanto no macrosegmento da industrialização. A inserção de melhores mecanismos de coordenação entre os agentes representantes e de um maior grau tecnológico à cadeia poderia induzir à superação desses problemas; por consequência, atingir-se-ia uma superior performance em toda a cadeia (MORVAN, 1985).

5.1 Análise dos “gargalos” apontados na pesquisa descritiva

Todos os entrevistados, sejam agentes públicos, sejam privados, foram unânimes em reconhecer como válida e economicamente vantajosa a inserção da fruticultura como alternativa às tradicionais culturas da região da Campanha.

Entretanto, com as entrevistas observou-se que a visão empresarial dos agentes envolvidos na cadeia frutícola ainda é incipiente. Faltam alguns dos preceitos de criação de competências para o processo, bem como o entendimento da importância de se ter uma capacidade de coordenação das atividades do sistema. Porém, percebe-se haver consciência da necessidade de se avançar no desenvolvimento da cadeia produtiva, integrando a ela os elos capazes de gerar valor agregado. Observa-se que em outras cadeias produtivas estudadas (como é o caso da cadeia da carne de frango e suínos e da cadeia de papel e celulose) são justamente os elos que agregam valor ao produto que tendem a assumir o papel de coordenador da cadeia produtiva. Nesse sentido, e ainda como resultado das entrevistas efetuadas, fica demonstrada, entre outros problemas, assimetria de informações entre os agentes envolvidos na cadeia, o que acaba por prejudicar as capacidades de coordenação.

Com base, então, nas ponderações feitas até aqui, podem-se resumir os “gargalos” existentes na cadeia produtiva da fruticultura da região da Campanha nos seguintes itens:

- número insuficiente de *packing-houses*, o que acaba levando a que as frutas tenham sua competitividade prejudicada, perdendo poder de barganha no momento da comercialização;
- falta de sincronização informacional intra-agentes;
- inexistência de estudos de canais de comercialização no exterior;
- falta de agregação de valor ao produto, dado que a maioria da produção é comercializada *in natura*;
- baixa inserção do programa em outros municípios;
- resistência política e cultural.

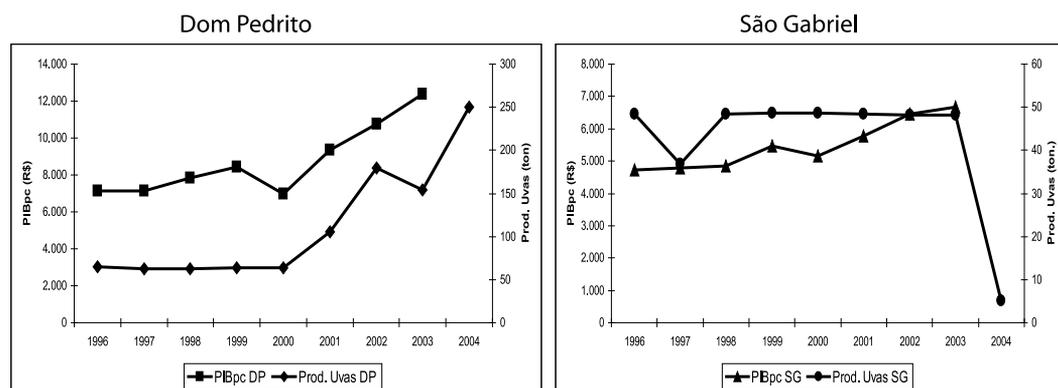
Como a iniciativa de inserção da cadeia produtiva frutícola nos municípios estudados teve como origem a busca de alternativas para o incremento do desenvolvimento econômico da região, é interessante resgatar alguns indicadores que mostram os efeitos já observados.

Município	1991		2000		2003	
	IDHm	Posição no ranking nacional	IDHm	Posição no ranking nacional	IDHm	Posição no ranking nacional
Dom Pedrito (RS)	0,707	1106	0,783	969	0,795	661
São Gabriel (RS)	0,729	616	0,780	1040	0,787	872

Fonte: RATHMANN, R. Estratégias de desenvolvimento e desigualdades regionais: o caso da fruticultura na região da campanha do estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Monografia.

Quadro 1: Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de Dom Pedrito e São Gabriel para o período de 1991, 2000 e 2003.

Pode-se observar no Quadro 1 que o IDHm para o município de Dom Pedrito cresce de forma a possibilitar um crescimento de 308 posições no *ranking* nacional deste índice, mantidas constantes as demais posições dos municípios brasileiros. De acordo com Rathmann (2005), observa-se que a maior melhoria dos índices que formam o IDHm deste município ocorre em nível de renda *per capita*, indicando, ainda, que estes resultados podem ser uma decorrência direta da produção frutícola de uvas na região. O mesmo fato é observado no município de São Gabriel entre os anos 2000 e 2003, o que permitiu ao município buscar a retomada de uma posição já obtida em 1991.



Fonte: RATHMANN, Régis. *Estratégias de desenvolvimento e desigualdades regionais: o caso da fruticultura na região da Campanha do estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Monografia.

Figura 4: Crescimento do PIBpc e produção de uvas em Dom Pedrito e São Gabriel (1996-2004).

Os elementos apresentados na Figura 4 permitem observar que há uma consonância entre o crescimento do PIB e o crescimento da produção de frutas, o que indica haver, pelo menos potencialmente, uma correlação positiva entre os dois movimentos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho visou traçar e analisar a cadeia produtiva frutícola da região da Campanha do Rio Grande do Sul, buscando verificar os segmentos já implantados e eventuais gargalos existentes. Como em toda cadeia em fase de estruturação, algumas operações não apresentam as características necessárias ou ainda não foram desenvolvidas, sendo justamente nestes pontos que foram identificados “gargalos”.

Para fins de análise, foram entrevistados os três maiores produtores de uvas e figos do município de Dom Pedrito, os quais respondem por, respectivamente, 53% e 35% da produção destas no seu município, bem como as instituições envolvidas na

cadeia produtiva. Pode-se dizer que a execução do método permitiu cumprir o objetivo de pesquisa.

Entre os principais gargalos observados podem-se citar a falta de agregação de valor à produção via casas de beneficiamento e indústria de conservas, a falta de informações de linhas de crédito disponíveis, além da forte resistência cultural e política, em especial no município de São Gabriel.

Mesmo com os problemas observados, pode-se dizer que num espaço de tempo bastante restrito (aproximadamente quatro anos de experiência produtiva no setor) já se percebem avanços no estabelecimento da cadeia produtiva. A cadeia apresenta elementos dos três macrosssegmentos: comercialização, industrialização e produção. Se, por um lado, há falhas nos elos responsáveis pela agregação de valor (industrialização) e distribuição do produto (comercialização), por outro, a base da cadeia (produção) está bem estruturada segundo a visão dos produtores, ou seja, o tipo de estrutura usada para fomentar o desenvolvimento da cadeia produtiva foi bem estabelecido, fortalecendo o elo da matéria-prima, base para o desenvolvimento dos outros dois macrosssegmentos.

Esse fato pode ser resultado da triangulação feita na origem dos projetos, que envolve iniciativa pública, produtores, instituições de pesquisa agropecuária e de extensão, como Embrapa e Emater, ou seja, não ocorreram apenas incentivos econômico-financeiros, mas apoio tecnológico e capacitação. Isso correlaciona-se à observação da vocação edafoclimática da região para a fruticultura de clima temperado e à disposição do produtor rural de incluir um novo produto em sua pauta de fontes de recurso, ampliada pela situação de crise das culturas tradicionais. Esses elementos, suportados por uma conjuntura favorável de mercado para as frutas – consumo crescente em mercado interno e mercado externo ainda não totalmente atendido – são cruciais para o sucesso deste tipo de empreendimento.

Se retomados os pontos de gargalo, mesmo a sua atual existência pode ser relevante para o setor. Percebe-se nas entrevistas uma percepção ampliada dos produtores acerca da carência desses elos produtivos, bem como das potencialidades comerciais que representam. Essa percepção coletiva pode levar a ações associativas que resolvam os gargalos. Mais que isso, a existência de percepção dos problemas junto aos órgãos representativos e junto às entidades responsáveis pela implantação do programa poderá viabilizar o acesso a recursos financeiros ou a incentivos fiscais que possam contribuir nesse desenvolvimento.

Com essas expectativas, pode-se dizer que há uma tendência de solução para a maior parte dos gargalos no médio prazo. Porém, esta afirmativa é feita com elementos ainda muito frágeis, ou seja, percepções dos pesquisadores com base na observação do setor. Em virtude disso, pretende-se, em algum tempo, voltar a mapear a cadeia produtiva para observar como os produtores, iniciativa pública e órgãos de representação estão trabalhando as soluções para os gargalos ora identificados.

Um outro ponto que merece destaque é que a inserção da fruticultura está ocorrendo não mediante a eliminação da cultura anterior, mas, sim, como uma alternativa adicional de geração de renda, ou seja, por meio da diversificação do *portfolio* de produtos do produtor rural. Assim, o produtor rural não perde a identidade com a atividade produtiva tradicional, o que mantém o equilíbrio de mercado para essas atividades.

Todos esses elementos já refletem sobre os indicadores econômicos e sociais da região, como a melhoria do IDHm e do PIBpc. Apesar de não se poder fazer uma afirmativa contundente acerca da relação positiva existente entre a inserção da fruticultura na região e a melhoria dos indicadores, pode-se dizer que a estratégia de desenvolvimento regional utilizada, qual seja, a diversificação da produção através da inserção de cadeias produtivas vinculadas à vocação regional, está apresentando resultados positivos.

Por fim, cabe ressaltar que os aspectos metodológicos tiveram de ser revistos e até a pesquisa teve de se limitar, ora por falta de disponibilidade de dados (não-existência de um banco de dados da fruticultura gaúcha; data de realização do último Censo IBGE em 2001 etc.), ora por indisposição em serem prestadas informações ao pesquisador. Nesse sentido, cabe ressaltar que não se podem colher dados acerca dos valores recebidos com a produção frutícola dos fruticultores entrevistados, assim como não foi disponibilizado o acesso às informações do cadastro de fruticultores de São Gabriel.

Dadas essas dificuldades, pretende-se continuar essa linha de pesquisa em direção à avaliação dos impactos econômicos e sociais, de diferentes pontos de vista, e por outros indicadores, assim como em outros municípios abrangidos pelo Programa de Fruticultura Irrigada da Metade Sul do Rio Grande do Sul.

7 REFERÊNCIAS

AZEVEDO, P. F. Concorrência no agribusiness. In: ZYLBERSZTAJN, D.; NEVES, M. F. (Org.). *Economia e gestão dos negócios agroalimentares*. São Paulo: Pioneira, 2000.

BATALHA, M. O. Sistemas agroindustriais: definições e correntes metodológicas. In: BATALHA, Mário Otávio. *Gestão agroindustrial*. São Paulo: Atlas, 1997.

_____. Gerenciamento de sistemas agroindustriais: definições e correntes metodológicas. In: BATALHA, Mário Otávio (Coord.). *Gestão agroindustrial*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

COMITÊ PRÓ-DESENVOLVIMENTO DA FRUTICULTURA IRRIGADA DA METADE SUL/RS. Programa de Fruticultura Irrigada. Porto Alegre, 1997.

_____. O programa frutícola em revisão. Bagé, 2005.

CASTRO, A. M. G.; COBBE, R. V.; GOEDERT, W. J. *Prospecção de demandas tecnológicas – Manual metodológico para o SNPA*. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Departamento de Pesquisa e Difusão de Tecnologia. Brasília: Embrapa-DPD, março, 1995. 82 p.

DANTAS, A. T.; KERSTSNETZKY, J.; PROCHNIK, V. Empresa, indústria e mercados. In: KUPFER, David; HASENCLEVER, Lia (Org.). *Economia industrial - fundamentos teóricos e práticas no Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 2002. p. 23-41.

EMATER/RS. Levantamento da Fruticultura Comercial do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Ascar/RS; Emater/RS Editora, 2005.

FAO. *Production Yearbook*. Washington - EUA: FAO, v. 43-47, 2000.

FERNANDEZ, M. S. A cadeia produtiva da fruticultura. In: CALDAS, Ruy de Araújo et al. (Ed.). *Agronegócio brasileiro: ciência, tecnologia e competitividade*. Brasília: CNPq, 1998.

FERREIRA, E. F. *Estudo do Programa de Fruticultura Irrigada de Clima Temperado, da região da Campanha do Rio Grande do Sul, através do Sistema Integrado Agronegocial*. Dissertação (Mestrado): Urcamp, 2001.

GIL, A. C. *Técnicas de pesquisa em economia*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

IBRAF. Estatísticas. Disponível em: <[https:// http://www.ibraf.org.br/x-es/f-esta.html](https://http://www.ibraf.org.br/x-es/f-esta.html)>. Acesso em: 14 out. 2005.

JANK, M. S.; NASSAR, A. M. Competitividade e globalização. In: ZYLBERSZTAJN, D.; NEVES, M. F. (Org.). *Economia e gestão dos negócios agroalimentares*. São Paulo: Pioneira, 2000.

LABONNE, M. *Sur le concept de filière em économie agro-alimentaire*. Montpellier: Institut National de la Recherche Agronomique, 1985.

MONTIGAUD, J. C. *Lês filières fruits et legumes et la grande distribution: méthodes d'analyse et resultants*. Montpellier: Centre International de Hautes Études Agronomiques Méditerranéennes, 1991.

MORVAN, Y. Filière de production. In: MORVAN, Yves. *Fondements d'économie industrielle*. 2. éd. Paris: Economica, 1991.

PAULILLO, L. F. Sobre o desenvolvimento da agricultura brasileira: concepções clássicas e recentes. In: BATALHA, M. O. (Org.). *Gestão agroindustrial*. São Paulo: Atlas, 1997.

PEDROZO, E. A.; ESTIVALETE, V. F. B.; BEGNIS, H. Cadeia(s) de agronegócio: objeto, fenômeno e abordagens teóricas. In: ENCONTRO NACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 2004, Curitiba. *Anais...*, 2004. v. 1. p. 1-15.

PORTER, M. E. *Vantagem competitiva: criando e sustentando um desempenho superior*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DA FRUTICULTURA IRRIGADA DA METADE SUL/RS. *Programa de Fruticultura Irrigada*. Porto Alegre, 2003.

QUESNAY, F. *Quadro econômico dos fisiocratas*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

RAINELLI, M. Les filières de production. In: ARENA, Richard et al. *Traité d'économie industrielle*. 2. éd. Paris: Economica, 1991.

RATHMANN, R. *Estratégias de desenvolvimento e desigualdades regionais: o caso da fruticultura na região da campanha do estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Monografia.

SCHUH, G. E. Política agrícola numa economia internacional bem integrada: o caso do Brasil. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, v. 27, n. 2, p.1 07-124, abr./jun. 1989.

SMITH, A. *A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

SOUZA, N. J. *Desenvolvimento econômico*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

STERN, N. *Growth theories, old and new, and the role of agriculture in economic development*. London: Suntory-Toyota International Centre for Economic and Related Disciplines/London School of Economics, 1994.

SYNOPSIS

STRATEGIES OF REGIONAL DEVELOPMENT BASED ON THE DIVERSIFICATION OF THE PRODUCTION: THE DEVELOPMENT OF THE FRUIT CHAIN OF THE REGIÃO DA CAMPANHA OF THE RIO GRANDE DO SUL

The process of national economical development, along the years, generated several types of inequalities, reason for which the government sectors are elaborating strategies to achieve the use of agricultural regional vocations, by the insert of differentiated productive chains. Like this, it was had as main objective to describe the fruit chain in the districts of Dom Pedrito and São Gabriel, appearing the inefficiencies that the rural producers identify in the same. The described chain presented elements of the three segments, and some of the main inefficiencies are: lack of aggregation of value to the production and disinformation of available credit lines to the section. The elaborated study indicated indeed which the strategy adopted is reflected already on economical and social indicators of the area, as in IDHm and in PIBpc.

Key-words: economic development; productive chain; diversification.

SINOPSIS

LAS ESTRATEGIAS DE DESARROLLO REGIONAL CON LA BASE EN LA DIVERSIFICACIÓN DE LA PRODUCCIÓN: EL DESARROLLO DE LA CADENA DE FRUTAS DE LA REGIÃO DE LA CAMPANHA DEL ESTADO DO RÍO GRANDE DO SUL

El proceso de desarrollo económico nacional, a lo largo de los años, tiene generado varios tipos de desigualdades, razone para que los sectores de lo gobierno están elaborando las estrategias para lograr el uso de vocaciones regionales agrícolas, por la inserción de cadenas productivas diferenciadas. Así, se tenía como el objetivo principal describir la cadena de fruta en los distritos de Dom Pedrito y São Gabriel, indicando apareciendo las ineficacias en que los productores rurales identifican el mismo. La cadena descrita presentó elementos de los tres segmentos, y algunas de las ineficacias principales son: falte de agregación de valor a la producción y desinformación de líneas del crédito disponibles a la sección. El estudio elaborado indicó de hecho qué la estrategia adoptada ya se refleja en los indicadores económico y sociales del área, como en IDHm y en PIBpc.

Palabras llave: desarrollo económico; cadena productiva; diversificación.

